



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
INGLÊS E ESPANHOL

ANA FABILLANE CABRAL DA SILVA

ESPAÑHOL: A NOSSA LÍNGUA. LÍNGUA DE QUEM?

CABEDELO

2020

ANA FABILLANE CABRAL DA SILVA

ESPAÑHOL: A NOSSA LÍNGUA. LÍNGUA DE QUEM?

Artigo TCC apresentado ao Curso De Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol– como requisito para a obtenção do grau de Especialista, sob a orientação do Professor Dr. Jose Marcelino Ferreira Junior.

CABEDELLO

2020

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

S586e Silva, Ana Fabillane Cabral da.
Espanhol: a nossa língua. Língua de quem? /Ana Fabillane Cabral da Silva. – Cabedelo,
2020.
23 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Línguas Estrangeiras
Modernas – Inglês e Espanhol) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
da Paraíba - IFPB.

Orientador: Prof. Dr. José Marcelino Ferreira Junior.

1. Ensino de espanhol. 2. Identidade. 3. Cristóvão Colombo. I. Título.

CDU: 37:811.134.2

ANA FABILLANE CABRAL DA SILVA

ESPAANHOL: A NOSSA LÍNGUA. LÍNGUA DE QUEM?

Artigo TCC apresentado como requisito para a obtenção do grau de Especialista em Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e Espanhol– IFPB – tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

José Marcelino Ferreira Jr.

Prof. Me. José Marcelino Ferreira Júnior
Orientador – SEEC - RN



Prof.^a Dra. Lusía Mary Rolemberg Menacho
Avaliador externo – IFPB

Jociano Coelho de Souza

Prof. Me. Jociano Coelho de Souza
Avaliador interno – IFPB

SUMÁRIO

1 RESUMO.....	5
2 INTRODUÇÃO.....	6
3 Língua, identidade e poder.....	8
4 Os Diários de Viagem de Colombo.....	11
5 Desconstruindo discursos nas aulas de língua espanhola.....	16
6 Conclusão.....	20
7 Referências.....	22

ESPAÑHOL: A NOSSA LÍNGUA. LÍNGUA DE QUEM?

Ana Fabillane Cabral da Silva¹
José Marcelino Ferreira Júnior²

Resumo:

Pensar o ensino de espanhol atualmente vai muito além do que estudar estruturas gramaticais e a funcionalidade da língua em contextos comunicativos. No mundo globalizado em que vivemos, pensar no ensino de línguas é trazer para a sala de aula discussões sobre temas que norteiam as questões sociais e de construção do indivíduo. Sendo assim, quando refletimos sobre a origem dos povos hispano-americanos estamos propondo uma análise identitária destes povos e como a língua se estabeleceu como um meio para imposição de poder desde a conquista espanhola até os dias atuais. Por meio dos relatos de viagem colombinos realizamos uma análise de como a identidade hispano-americana é formada, e como esta segue sendo difundida no ensino de língua espanhola. Com este objetivo, realizamos uma pesquisa de caráter bibliográfico, uma vez que está baseada na análise dos diários de viagem de Cristóvão Colombo (1992), e embasada pelas teorias de construção da identidade de Castells (1999), Hall (2006), e das reflexões de Bakhtin (1997) sobre a linguagem. Desenvolvemos, portanto, uma discussão sobre a construção da identidade sociocultural hispano-americana a partir da leitura dos diários de viagem de Cristóvão Colombo, refletindo e propondo sugestões de sequência didática e estratégias para o debate dessa temática em sala de aula.

Palavras – chave: Identidade. Poder. Língua. Cristóvão Colombo.

¹ Graduação em Letras – Língua Espanhola – UFPB. IFPB – Instituto Federal da Paraíba. Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas. a.fabillanecabral@gmail.com

² Graduação em Letras - Língua Portuguesa - UFRN. Especialização em Literatura e Ensino - IFRN. Mestrado em Estudos da linguagem - UFRN.

1 Introdução

Pensar o espanhol como uma língua que traz em si resquícios de um processo colonizador, imposta como língua oficial em detrimento das línguas dos povos originários, é trazer para as aulas uma profunda discussão sobre o processo de conquista da América, a construção identitária de um povo concebendo a língua como um dos fatores principais desta construção. É levar nossos estudantes a refletirem criticamente a respeito do que se convencionou pensar como “descobrimento da América.

Quando iniciamos os estudos de uma língua estrangeira estamos começando uma caminhada que ultrapassa os aspectos linguísticos, nos permitimos conhecer outros povos e partilhar com eles de sua cultura, formação, costumes e saberes. Criamos assim uma identidade linguística e cultural que nos acompanhará durante todo o processo de aprendizagem desta língua. Nos identificamos com o idioma e com a cultura desse povo e assim imergimos em um processo de aprendizado.

Mas, ao pensarmos no contexto daquele território que se acostumou chamar de América espanhola, e de como herdamos o idioma “espanhol” que chegou até nós através de um processo colonizador, alcançando sua magnitude como uma das cinco línguas mais faladas no mundo, estaremos refletindo sobre um processo longo de imposição de poder e aculturação, em detrimento da língua original dos povos que habitavam este continente muito antes da chegada dos europeus. Uma narrativa contada pela visão do colonizador e que a literatura, a história e a língua fizeram com que nos familiarizássemos com seu enredo sem questioná-lo.

As teorias pós-coloniais debatem amplamente esta temática, pensando nisto nos baseamos na teoria pós-colonial para analisar os impactos causados pelo discurso de Colombo aos nativos que habitavam as terras antes da sua chegada, e atualmente como essa temática ainda se faz presentes. De acordo com Bonnici (1998) “Autores tradicionais, definindo pós-colonialismo, usam o termo “colonial” para descrever o período pré-independência e os termos “moderno” ou “recente” para assinalar o período após a emancipação política.”

Quando nos referimos a estudos pós-coloniais não nos detemos cronologicamente apenas ao período que compreende a chegada dos espanhóis e o período de conquista, mas como a própria teoria pós-colonialista propõe analisamos as consequências surgidas a partir deste processo.

Trazer esta discussão a respeito da língua como instrumento de poder, é rever discursos, preconceitos, e a construção de identidades que surgem em um contexto de opressão. É, também, levar o estudante a repensar sua identificação com os povos originários que habitavam

estas terras durante o período da chegada dos europeus e a sua identificação como sujeito latino-americano.

Consideramos neste artigo língua e linguagem em suas distinções, portanto utilizamos ambos os termos em alguns contextos para fazer referência ao ato comunicativo. Porém, reconhecemos a distinção entre ambas, compreendendo a língua como algo intrínseco ao ser humano e constituinte de sua identidade, utilizada para comunicar-se, refletir, expressar-se sendo composta por um conjunto próprio de signos e regras. Sendo a linguagem a realização da língua em diferentes contextos e situações, que se realiza através da fala, gestos, escrita.

Trazemos para esta discussão as teorias de autores que trabalham com o estudo das identidades, Hall (2006), Castells (1999), Bakhtin (1997), assim como as teorias pós-coloniais, propondo uma reflexão da importância da temática no contexto de ensino do espanhol como língua estrangeira e uma proposta didática para abordagem do tema em sala de aula.

O artigo está organizado em três tópicos, sendo o primeiro intitulado “Língua, identidade e poder”, em que conceituamos nossa compreensão de língua e a relação de poder presente nela e aprofundamos as discussões referentes às relações de poder presentes na língua e por ela transmitidas.

No segundo tópico abordaremos os *Diários de viagem de Cristóvão Colombo* (1992), realizando uma breve explanação sobre o gênero Diários de Viagem como literatura histórica e a importância destes relatos colombinos para a compreensão da visão colonizadora do europeu para com os povos nativos.

Em seguida, no terceiro tópico, aprofundaremos a discussão sobre a temática a respeito da visão colonizadora da identidade indígena e sua propagação nas aulas de língua espanhola, apresentando neste tópico possíveis estratégias didáticas para o ensino da temática, livre da perpetuação de estereótipos.

Por fim, concluiremos este artigo realizando uma reflexão sobre a relevância da temática para a formação dos estudantes de língua espanhola, assim como os desafios encontrados ao longo da pesquisa e as possibilidades futuras de novos estudos a partir dela.

2 Língua, identidade e poder

A língua nos torna sociáveis, nos permite interagir com o outro, compartilhar ideias, expressar pensamentos e sentimentos, como nos afirma Chauí (2006, p. 148), “é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos”.

É por seu intermédio que expressamos nossos pensamentos, nossos desejos, transmitimos nossa cultura, nossa história. O domínio que possuímos da linguagem nos permite utilizar a língua de diversas maneiras, adequando-a às nossas necessidades e ao contexto que melhor nos convém. É essa maleabilidade da língua que permite construirmos discursos repletos de significado, responsáveis por influenciar opiniões e reproduzir ideologias. Nesta linha de pensamento, Bakhtin (1997, p. 107-108) nos fala que

[...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.

É na língua que temos a realização da identidade, com ela expressamos o reconhecimento e a identificação com o outro. Nela, as identidades são construídas e desconstruídas, em um constante processo de identificação e desidentificação. Podemos afirmar que a língua cria identidades, ao iniciarmos o aprendizado da língua materna somos automaticamente inseridos dentro de um contexto social que fará parte primordialmente da nossa identidade. É por meio dela que nos identificamos como pertencentes a uma determinada nação, criando assim nossa identidade linguística, que ao longo da nossa vida será modificada, seja pelo aprendizado de uma segunda língua ou pelo uso que fazemos com a nossa língua materna.

Sendo assim a língua cria uma identidade individual e nos faz partilhar uma identidade coletiva, é o que nos afirma Silva (2000 P.08): “A linguagem e os sistemas simbólicos estão diretamente implicados na construção das identidades”.

O processo de construção das identidades está diretamente ligado a discursos baseados em relações de poder, em que o sujeito reconhece e identifica no outro aquilo que lhe foi transmitido como aceitável e repudia tudo que foge a esta identificação criando, assim, uma negação da identidade do outro e uma autoafirmação da sua identidade, que neste processo de identificação e reconhecimento se impõe sobre os demais indivíduos.

Neste processo da língua como formadora da identidade é importante ressaltarmos a distinção entre o discurso e a fala, uma vez que no discurso temos a realização desta construção de identidade.

Fiorin (1998) estabelece que o discurso diz respeito ao conjunto de elementos linguísticos, utilizados durante o ato comunicativo com o objetivo de exteriorizar pensamentos, opiniões, emoções dos falantes enquanto a fala é a realização do discurso. É no discurso que encontraremos os elementos ideológicos que levarão os indivíduos a estabelecer as concepções de identificação presentes no processo de construção das identidades. Estas concepções de construção da identidade foram se transformando ao longo dos anos, desde a ideia do sujeito do iluminismo, único, centrado, até às concepções pós-modernas que definem a identidade como um processo fluido, constante, como nos diz Hall (2006), um sujeito fragmentado, composto por diversas identidades que se complementam ou não.

Compreendemos a identidade a partir de ambas perspectivas: o indivíduo possui características que lhes são inatas, únicas e o fazem reconhecer-se tal como indivíduo, pertencente a um determinado grupo mas que também possui em si características que estão em constantes mudanças de acordo com os contextos sociais ao qual está inserido, estas características são transitórias e estão em constantes conflitos.

Tal perspectiva nos ajudaria a compreender o conceito de identidade nacional e como este é socialmente construído, pois o sujeito compartilha com demais pessoas aspectos como o idioma, hábitos culturais, costumes que lhe fazem reconhecer-se como pertencente a determinada nação e os distingue dos demais.

É na identidade que está a noção de alteridade, ou seja, aquilo que identificamos como diferente. A identidade se constrói e se realiza na diferença. Essa alteridade emite valor e resulta na hierarquização das identidades, ao definir o que é incluído/excluído, aceito/rejeitado. Na construção de uma identidade nacional, por exemplo, alguns aspectos de uma determinada cultura podem se sobrepor aos de outra. Esse processo de diferenciação permitido pela alteridade, nas construções identitárias, fixa a ideia de identidades normatizadoras, “padrões” impostos que serão reproduzidos. De acordo com Castells (1999) esse processo ocorre quando:

A identidade legitimadora dá origem a uma sociedade civil, ou seja, um conjunto de organizações e instituições, bem como uma série de atores sociais estruturados e organizados, que, embora às vezes de modo conflitante, reproduzem a identidade que racionaliza as fontes de dominação estrutural. (Castells, 1999. P.24).

A alteridade traz em si a capacidade do indivíduo de reconhecer no outro o que difere de si, ao observar o outro estamos buscando aspectos que diferem de nós e ao localizarmos estes aspectos os repudiamos, pois, a partir da hierarquização de uma determinada identidade, tudo aquilo que foge à norma estabelecida passa a ser marginalizado. Fora da norma imposta, algo que já não é positivo, mas que possui um valor negativado.

O registro dos relatos de viagens constitui obras que transitam entre o histórico e o literário. Temos neste tipo de literatura um narrador-viajante que descreve tecnicamente as trajetórias e ocorridos de suas viagens, mas enriquece sua narrativa com elementos que partem do seu imaginário, atribuindo ao gênero um caráter literário.

Por sua ambiguidade o relato de viagem consegue coexistir sendo, ao mesmo tempo, uma narrativa técnica e histórica que descreve os elementos das grandes navegações. Por ser um gênero que apresenta uma forte ambiguidade, sendo definido como fonte histórica e literatura, traz para o meio acadêmico discussões por parte da crítica em qualificar este tipo de gênero como literatura, uma vez que, inicialmente, trata-se de documentos históricos. O fato de estarem permeados muitas vezes pelas impressões do seu narrador-viajante que pelos detalhes da sua narrativa e escolha dos elementos de linguagem, consegue produzir um discurso literário capaz de transladar o leitor para o seu universo narrativo, transmitindo a quem lê as emoções e experiências vividas pelo autor. Como nos afirma Pizarro (1993):

Mais que valorizar a sua escrita, haveria que pensar estes textos como formando parte de nossa literatura, não por suas propriedades estéticas, como também documentos fundamentais da nossa cultura, como textos que foram escritos em um ato fundador, onde a escrita se concilia e cumpre uma função simbólica que se aproxima a das fundações das cidades, de caráter instaurador. (Pizarro, 1993 p.26)

Seguindo o pensamento de Pizarro (1993), a literatura de viagem vai muito além de gênero histórico, constitui parte importante da cultura de um povo, tratando-se de obras que descrevem a constituição de povos e o momento de encontro entre culturas distintas. Por meio dos relatos de viagens conseguimos refletir sobre as nossas origens culturais. Uma literatura fundadora que, apesar de criticada pelo subjetivismo do narrador, ainda assim consegue se manter como uma fonte de registros históricos e um gênero literário instaurador. Sobre isto, Cunha (2012) nos fala que

É evidente que, em literatura, os textos não são verdadeiros nem falsos, na sua dimensão verbal, na medida em que funcionam dentro de um sistema, o literário, que detém as suas próprias regras, avessas a critérios de verdade ou de falsidade. No entanto, a natureza referencial das narrativas de viagem satura-as de elementos indexicais e deíticos. Só que a viagem presta-se à metaforização; afinal, ela se confunde com a própria vida na sua transitividade. (Cunha, 2012, p.161).

Quando falamos no relato de viagem como gênero literário neste artigo, temos como objeto de estudo os *Diários de Cristóvão Colombo* (1992), especificamente a narrativa do primeiro diário de viagem de Colombo, em que ele narra sua chegada ao local que acreditou ser as *Índias* e seu contato com os povos que denominou de “índios”. Compostos por quatro diários de viagem e um testamento com autoria atribuída a Colombo, os manuscritos destes relatos encontram-se na Biblioteca Nacional de Madrid: o primeiro diário de bordo assinado por Cristóvão Colombo encontra-se no Palácio de Lira, no arquivo dos Duques de Alba; o quarto diário encontra-se na Biblioteca Universitária de Salamanca, a cópia de seu testamento encontra-se no Arquivo Geral das Índias, compondo o arquivo familiar dos Duques de Veragua, descendentes diretos de Colombo (Varela, 1992). Para utilização no corpus deste artigo foi consultado o compilado dos Diários de Viagem de Colombo produzido por Consuelo Varela e lançado pela Alianza editorial, que traz, além dos quatro relatos de viagens, datas das expedições, tripulação, e informações cronológicas sobre as naus e a chegada de Colombo em terras novas.

Como dissemos, é atribuído a Cristóvão Colombo a autoria de quatro diários de viagens (diários de bordos) e um testamento, apesar de nenhum desses documentos terem chegado a nós com seus respectivos textos originais. O que temos são cópias dos relatos da primeira e terceira viagem realizadas por Colombo, que chegaram até nós sendo reescritos por Fray Bartolomé de Las Casas. Segundo Varela (1992), em outros relatos como os da segunda e quarta viagem, existe uma dificuldade maior em estabelecer uma relação entre eles uma vez que o relato da segunda viagem se encontra incompleto devido a perda do Diário de Colombo, o testamento de Colombo, assim como uma carta relatando sua quarta expedição.

No primeiro *Diário de viagem*, Colombo narra sua chegada às terras que ele acreditou tratar-se das Índias, e seu primeiro contato com os povos que ali habitavam em seu relato Colombo descreve as paisagens, as peculiaridades destas terras e seu contato com os nativos que encontrou. É interessante ressaltarmos que a maior parte dos relatos destes contatos entre colonizador e colonizados, ocorre através do registro escrito dos colonizadores sendo um registro que aborda apenas uma visão da história, e que por vezes está permeada pelas ideologias e discursos do seu autor. No caso dos relatos de Colombo, identificamos por vezes um discurso colonizador de poder que por intermédio de artifícios como a “propagação da fé cristã” submete os povos das terras recém encontradas ao poder do império espanhol.

Na narrativa do seu primeiro contato com estes povos Colombo os identifica e diferencia de si, a partir deste primeiro reconhecimento constrói-se toda uma narrativa acerca daqueles povos e de seus costumes. Chaunu (1971), ao referir-se à construção de Colombo sobre a

imagem dos povos e das terras encontradas, descreve esse momento como “o produto de uma síntese que, incontestavelmente, se fez em detrimento em primeiro lugar do elemento índio” (Chaunu, 1971, p.11).

Neste processo de reconhecimento Colombo identifica características dos povos originários e posteriormente as desconsidera, para impor aquelas que convêm à ideologia dominante criando assim uma identidade deturpada. Não há neste encontro relato de uma aceitação desses povos com seus costumes e sim uma adaptação. Colombo identifica e adapta o “índio” redefiniu suas características, renomeia suas terras, desconsidera sua língua, recria a sua identidade. A respeito disto Varela (1992) nos diz que “Colombo descobre um novo mundo. Porém, ele não aceita a realidade deste mundo tal como lhe foi dada, no entanto, como é natural, a acomoda aos seus conhecimentos prévios e a um critério próprio, desde a sua interpretação.” (Varela, 1997, p.43). O processo de construção de uma identidade é algo relacional, que, para existir baseia-se na diferença. Ao se deparar com os povos originários, Colombo encontra neles uma identidade que difere da sua. A partir do momento em que ele descreve esses povos, os faz conhecer, mas também cria uma identidade socialmente imposta. Castells (1999, p. 22) afirma que "a construção da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder", discursos que se internalizam fixando uma dominação no sujeito que reconhece uma identidade imposta. Quando descreve seus encontros com os nativos, conhece os costumes destes e os rechaça. Tais costumes faziam parte da identidade desses povos, construída antes do encontro com os espanhóis.

Colombo transforma o que vê e elabora um novo discurso para definir os povos originários, criando uma nova identidade que se perpetuará ao longo do tempo, como podemos identificar no seguinte fragmento de seu relato:

Por fim, tudo tomavam e davam de tudo que tinham de boa vontade, mas me pareceram gente muito pobre de tudo. Eles andam desnudos como sua mãe os pariu, assim como as mulheres, e todos os que vi eram jovens, não vi nenhum com idade maior que trinta anos, de boa aparência, corpos e rostos bonitos, os cabelos grossos como os pelos de um cavalo. Eles se pintam de preto, e são da cor dos canários, nem negros nem brancos, e se pintam de branco e vermelho, pintam suas caras e todo o corpo. (Colombo, 1992, p. 62).

Essa identidade construída por Colombo se desenvolve em um contexto marcado por relações de poder e desigualdades, essa identidade se afirma e se propaga por meio de um discurso civilizador e religioso, atribuindo ao colonizador uma imagem divina e heroica, aquele que trouxe consigo a civilização e os bons costumes para povos que, à sua visão, se equiparavam

a animais. Povos que possuíam uma língua rude e desconhecida por seus colonizadores que assim como os demais hábitos destes povos os desconsidera e impõe a estes sua língua, cultura, fé e costumes. Podemos constatar isto no seguinte trecho: “Entendíamos que nos perguntavam se havíamos vindo do céu. E veio um velho, e outros homens e mulheres: Venham a ver os homens que vieram do céu, dê-lhes de comer e de beber.” (Colombo, 1992, p.65)

O discurso etnocentrista presente nas palavras de Colombo é o que legitima a (des)construção da identidade dos povos nativos, um discurso propagado e reafirmado ao longo dos anos. Esse discurso criou uma imagem estereotipada dos nossos antepassados, principalmente quando questionamos às pessoas sobre o que vêm à mente quando falamos em “índios”, a visão segue sendo aquela retratada nas obras de Colombo, um povo ingênuo, de boa índole, dispostos a dar tudo aquilo que possuem:

[...] porque conheci que era gente que melhor se livraria (dos seus costumes) e converteria a nossa santa fé com amor e não por força, dei a alguns uns prendedores avermelhados e umas contas de vidro que usavam no pescoço e outras coisas de pouco valor. (Colombo, 1992. p.62).

Colombo em seu relato renomeia tudo que encontra pela frente, as ilhas, terras, povos, não existe neste primeiro momento uma preocupação em compreender o outro, não existe neste primeiro momento da conquista uma preocupação em entender as línguas faladas pelos povos nativos. A respeito disto Viana e Santos (2010) nos diz que

Nenhum dos povos tinha uma palavra em sua língua que pudesse ser traduzida pelo termo "índio", atestando que esse conceito era inteiramente desconhecido pelos antigos habitantes do continente americano. Assim, mexicas, tarascanos, incas, arwaks, caribes..., para citar apenas alguns entre tantos povos nativos, não se reconheciam inicialmente sob a genérica identidade de índios, inventada pelos europeus no processo de conquista das Américas. (Viana e Santos, 2010 p.19).

Uma vez que compreender a língua do outro é o primeiro passo para estabelecer um verdadeiro contato, Colombo preocupa-se em estabelecer os “bons hábitos” que traz consigo, advindos da civilização: “Eles devem ser bons servidores e de boa índole, e creio que rapidamente se fariam cristãos, pois me parece que não possuem seitas. Eu levarei de aqui durante minha partida, seis a vossa alteza para que aprendam a falar.” (Colombo, 1992. p.63)

Nesta construção de identidade a partir da visão do colonizador a língua nativa é colocada em último lugar, é descartada pois difere daquilo que o colonizador entende por idioma civilizado. De acordo com Hall (2000) “Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas.”

Neste momento Colombo reafirmar sua condição de conquistador e disseminador do poder do império espanhol nas terras encontradas, impondo seu idioma Colombo narra o momento em que se comunica com os nativos em sua língua. Não havendo diálogo pois ambos desconheciam as línguas um do outro, mas havendo a imposição de uma língua em detrimento de outras.

A imposição do espanhol como língua para os povos nativos racionaliza um processo de dominação, cria-se uma nova identidade para estes povos que, apesar da sua resistência, esta identidade se estabelece e cristaliza-se durante os anos, propagasse permeada por estereótipos e juízos de valor marcando toda a história e descendência dos povos nativos.

4 Desconstruindo discursos nas aulas de língua espanhola

Em consequência da discussão realizada nos tópicos anteriores, podemos nos questionar em como trazer a temática da construção da identidade e dos relatos colombinos para as aulas de língua espanhola.

Primeiramente, devemos refletir sobre a importância de se trazer esta reflexão para as aulas de espanhol. Partimos da concepção de que a escola é o principal ambiente para a desconstrução de discursos, local formador de uma pluralidade cultural que ratifica a diversidade cultural como traço fundamental na construção das identidades. Sendo assim, trabalhar nas aulas de espanhol a reflexão sobre o processo de formação da identidade dos povos originários é realizar um processo de interdisciplinaridade e transversalidade.

Ao trabalharmos essa temática estamos colaborando para a desconstrução de uma visão preconceituosa sobre nossos povos originários, além de formarmos estudantes criticamente conscientes da sua condição como cidadão latino-americano e descendentes de povos que tiveram sua identidade negada. Ao estudarmos a língua a partir de suas origens culturais e da reflexão sobre a identidade dos povos que a constituíram, estamos realizando um ensino de língua espanhola crítico que atende as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais(1997), desenvolvendo uma profunda reflexão sobre as múltiplas cidadanias e identidades, necessárias para a construção de uma sociedade democrática.

Sugerimos aqui estratégias didáticas e possíveis conteúdos para inclusão da temática em questão na sala de aula, propondo um olhar pós-colonial que servirá de base para a reflexão e trabalho com os conteúdos específicos da língua espanhola. Além de realizar um trabalho que intercala língua, cultura, história e literatura tendo como ponto de partida a análise documentos literários verídicos.

Quando trabalhamos a temática da “Conquista espanhola” muitas vezes nos atemos a materiais didáticos que reiteram pensamentos e discursos europeizantes permeados por preconceitos que se propagaram ao longo dos anos. A ideia que fazemos dos povos originários deve-se muito a criação realizada por Colombo em seus diários, sendo assim quando iniciamos as aulas de espanhol enfatizando a língua somente pelas suas raízes europeias estamos colaborando para que o discurso de conquista que construiu esta imagem dos nossos povos continue sendo difundido.

Trabalhar a temática é romper com a propagação de um discurso etnocentrista colonizador, é refletir sobre a nossa identidade e concepção enquanto cidadãos latino-americanos, é repensar as nossas origens e a origem da nossa língua.

Uma proposta desafiante para o professor é trazer para as suas aulas esta reflexão, porém enriquecedora e de uma temática que pode transformar a relação do aluno com a língua.

Propomos aqui um ensino que rompe com a ideia de neutralidade de uma língua *standard* e a concepção de um espanhol peninsular hierarquicamente superior aos demais.

Como professores de língua espanhola temos o compromisso de romper com discursos eurocentristas que propagam a ideia de uma superioridade linguística, é necessário fazer com que nossos alunos reflitam sobre o processo de formação dos povos latino-americanos e como o processo de conquista espanhola é responsável pela forma como identificamos nossos antepassados, como afirma Ansaldí (1994, p.26), “o colonialismo foi o fundador da América”. Faz-se necessário discutir em sala de aula mais que o uso da língua em sociedade, mas também como a língua se forma em um processo de dominação e poder.

E as consequências trazidas por este processo até os dias atuais em diferentes aspectos da formação dos povos latino-americanos, devemos lembrar que esta temática não se trata de algo ultrapassado, mas de um tema presente e que vem sendo desenvolvido pelos estudos pós-coloniais e pós-modernos.

Didaticamente a temática em si abre espaço para o ensino de outros conteúdos, como por exemplo, as variantes da língua espanhola, um conteúdo amplo que muitos professores ainda sentem dificuldade de trabalhar em suas aulas.

Ao trazer os *Diários de Colombo* para as suas aulas, o professor pode iniciar uma reflexão sobre os processos colonizadores presentes na formação dos povos latino-americanos e como este processo refletiu na língua espanhola utilizada no território latino-americano. O professor poderá elaborar a sua sequência didática incluindo trechos do texto de Colombo, propondo a seus alunos uma reflexão sobre a identidade produzida por Colombo e a percepção que possuímos dos povos originários a partir de alguns questionamentos: como a imagem destes povos foi propagada através dos anos? Qual a ideia que possuímos dos nossos povos originários? Estes são exemplos de questionamentos que podem ser feitos aos alunos, visando o início de um debate que leve os estudantes a refletirem sobre quanto a língua está permeada por aspectos culturais que colaboram para que estes discursos sigam sendo repassados.

A leitura dos relatos de viagem podem ser realizados em aulas de língua e literatura espanhola, uma vez que os documentos configuram importantes obras da literatura hispano-americana. Como dito anteriormente, a temática traz em si o trabalho com diversos conteúdos

pertinentes a língua e cultura hispânica, podendo ser trabalhada desde os aspectos linguísticos como também os culturais e de formação dos povos hispânicos.

Trabalhar conteúdos como as variantes do espanhol, a identidade latino-americana, os países hispânicos, o processo de colonização espanhola, a literatura nas aulas de espanhol, são conteúdos que permitem a inclusão da temática presente nos *Diários de Colombo*.

Independente de quais conteúdos o professor inclua no planejamento da aula é importante priorizar o ensino a partir de temas que levem o estudante a pensar criticamente os aspectos que constituem a língua estudada, assim como a formação sociocultural dos povos hispânicos. Tornando-se um falante de uma língua adicional, crítico, capaz de exprimir seu ponto de vista sobre os processos de formação dos diferentes povos hispânicos e a influência deste processo na língua, cultura, sociedade e política destes povos. É um convite para que os estudantes conheçam e discutam a realidade dos povos latino-americanos desde sua origem até os contextos atuais.

Propomos assim, uma sequência didática que inicie a partir da leitura dos *Diários de viagem de Colombo*, além disto é interessante que o professor se aproprie da temática e a partir da leitura dos Diários de Viagem, realize esquemas e tópicos expondo seu ponto de vista que será compartilhado com os estudantes.

Seguindo a sequência, propomos a leitura coletiva para compreensão dos relatos, trabalhando assim as competências leitoras dos estudantes e a compreensão textual em língua estrangeira, além de aspectos léxicos e morfológicos presentes no texto. Cabe ao professor ir além, uma vez que o material didático que aborde a temática ainda é escasso, pesquisar recursos de mídias como filmes, documentários que abordem a temática e esclareça a leitura dos relatos, auxiliando o estudante no processo de contextualização das obras. A partir da contextualização partimos para o debate com os estudantes, quando, a partir de questões norteadoras, o professor e os alunos expõem seus pontos de vista, compartilham opiniões e repensam a história.

Neste momento, é interessante que os estudantes possam estabelecer comparações entre os processos de conquista espanhola e brasileira, sintam-se incluídos neste processo compartilhando de heranças culturais e identitárias herdadas de diferentes povos. Ao final dos debates e reflexão dos textos é interessante que o estudante de língua espanhola se reconheça como cidadão latino-americano que compartilha de uma identidade histórica, cultural e política.

Como atividades (avaliativas ou de fixação) damos ênfase na produção escrita, incentivando os alunos a trabalharem os aspectos do gênero textual “relato de viagem”, além do foco na escrita em língua estrangeira e na releitura do estudante sobre o tema discutido em sala de aula, assim como a exposição do seu posicionamento crítico sobre a temática trabalhada.

São inúmeras as possibilidades de ensino que o trabalho com o gênero textual “relato de viagem” traz para as aulas de língua espanhola, assim como a temática do processo de formação dos povos latino-americanos a partir da análise e construção identitária dos *Diários de Viagem de Colombo*. As sugestões expostas acima são uma pequena possibilidade para que se inicie o trabalho com a temática em sala de aula.

Conclusão

Pensar a temática da construção da identidade e aplica-la ao estudo dos *Diários de Colombo* foi um instigante desafio, que teve início ainda na graduação quando a partir da leitura dos relatos nos questionamos como a imagem criada por Colombo contribuiu para o pensamento que temos dos nossos povos originários e conseqüentemente para a imagem construída dos povos latino-americanos. Este trabalho foi desenvolvido como uma proposta a se pensar o ensino de espanhol a partir de uma abordagem pós-colonial que trabalhe o ensino da língua e literatura espanhola a partir do trabalho com gênero textual “relato de viagem” e temáticas pertinentes à formação dos povos hispânicos, formando, assim, falantes de língua espanhola capazes de utilizar a língua em diferentes contextos e posicionar-se criticamente sobre conteúdos pertinentes à cultura dos povos hispânicos.

Trabalhar as aulas de espanhol a partir da abordagem pós-colonial, partindo do princípio da relação entre colonizador e colonizado, e analisando como estes discursos construídos perpassam e enraízam nas sociedades criando estereótipos, que por vezes marginalizam outros povos. Propor uma abordagem pós-colonial nas aulas de língua estrangeira é repensar o imperialismo reinante das potências europeias e conscientizar os estudantes sobre a atualidade destes temas. É levar a sala de aula uma literatura pós-colonial capaz de fazer com que todos os envolvidos no processo de ensino reflitam sobre a temática dos povos nativos, e o atual contexto que se encontram os países herdeiros desta colonização. Como nos afirma Bonnici (1998 p.09)

A crítica pós-colonialista é enfocada, no contexto atual, como uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências, como um fenômeno mundial e, em menor grau, como um fenômeno localizado. Esta abordagem envolve: um constante questionamento sobre as relações entre a cultura e o imperialismo para a compreensão da política e da cultura na era da descolonização; Bonnici (1998 p.09)

Objetivando além do que foi exposto, preparar os estudantes para uma formação crítica que o levará a conhecer tópicos da disciplina que vão além dos conteúdos puramente linguísticos, estaremos formando alunos capazes de refletir em língua estrangeira sobre expansão geopolítica e linguística, globalização, praticas culturais. Sabemos das dificuldades encontradas em sala de aula por parte dos professores para o trabalho com determinadas

temáticas, muitas vezes a falta de recursos para a produção de material didático ou o próprio material didático que traga a temática e permita o trabalho desde diferentes pontos de vista impedem ou limitam o desenvolvimento da proposta em sala de aula. Mas ressaltamos a importância e pertinência do conteúdo tanto para o trabalho didático do professor quanto para a aprendizagem dos estudantes, uma vez que estão sendo trabalhados temas recorrentes e que compreendem a formação dos povos hispânicos.

Apesar das dificuldades presentes muitas vezes nas escolas para o trabalho a partir da perspectiva das teorias pós-coloniais, engajamos o professor a ir além realizando o seu papel de pesquisador, produzindo o material a ser utilizado nas aulas tendo assim uma maior liberdade para expor seus pontos de vista sobre os processos constituintes da identidade dos povos latino americanos.

Essa produção permite o professor a apropriar-se da temática e a refletir sobre a sua importância na formação de estudantes críticos que pensam a língua por diferentes processos e perspectivas. Além de ampliar as possibilidades de ensino entre a língua e cultura dos povos hispânicos.

Ao propor a discussão da construção da identidade dos povos originários nos relatos de Colombo, estamos pensando também no ensino de literatura em sala de aula, na literatura com função social e transformadora do pensamento humano, além da relação indissociável entre língua e cultura, aspectos que são primordiais para a formação integral do estudante de língua estrangeira, visando o desenvolvimento de suas competências socioculturais e linguísticas.

Esperamos que este artigo contribua para o ensino do espanhol desde uma perspectiva sociocultural, permitindo aos professores que almejam levar para suas aulas as discussões pós-coloniais possibilidades de como incluir a temática dentro dos conteúdos exigidos pelo currículo de língua espanhola. Possibilitando a partir das sequências didáticas apresentadas a produção de aulas dinâmicas que conduzam o professor o ensino a partir de diferentes perspectivas e aos estudantes a possibilidade de refletir sobre as origens e transformações da língua espanhola e dos seus povos.

Referências

- ANSALDÍ, Waldo. **Cristóbal Colon, un falso palomo: entre los equívocos y la grandeza**. CEFISA. Centro de Estudios Filosóficos de Salta. Argentina. Ano II, Nº1, 1992.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998.
- BONNICI, T. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra LTDA. 1999.
- CUNHA, Paula Cristina R. da rocha. **Apontamentos teóricos sobre literatura de viagens**. Caracol. São Paulo, V. 01 nº03 p. 152-173 janeiro-junho. 2012.
- CHAUÍ, M. A linguagem. In: _____. **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 136-151.
- CHAUNU, Pierre. **História da América Latina**. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1971.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia. Série princípios**. São Pulo. 6ª edição. Editora ática. 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PIZARRO, Ana et al. (Coord.) **América Latina, palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp. 1993.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- VARELA, Consuelo. **Cristóbal Colón, Textos y documentos completos, Edición de Consuelo Varela; Nuevas cartas, Edición de Juan Gil**. Madrid: Alianza editorial. 1997.
- VIANA, Larissa; MARQUES DOS SANTOS, Lincoln. **História da América vol. 01**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj/Consórcio Cederj. 2010.